

Apresentação

Presentation

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n82p15-17>

FLÁVIO CAETANO DA SILVA

A leitura tem sido alçada a patamares cada vez mais elevados nesses últimos tempos. O que em si, já é uma boa notícia. Em particular neste momento em que publicamos o presente dossiê, ainda vivenciamos o drama causado pela pandemia do coronavírus. Apesar de tanta dor e sofrimento que esse mal tem causado pelos diversos cantos do mundo, a leitura tem se tornado uma excelente companheira para muitos que, podendo ficar em seus lares e tendo acesso a textos impressos ou mesmos digitais, podem combater a solidão e o desespero em momentos tão difíceis.

Os artigos que apresentamos a seguir tratam sobre o saber. Em particular o saber como possibilidade em âmbito escolar. Os textos nos trazem o resultado de um processo de formação que está intimamente vinculado à leitura. Trata-se de uma experiência de formação em um curso de especialização *Lato Sensu*, oferecido pelo Departamento de Educação da UFSCar sob minha coordenação, no qual, a produção de saberes, com base nos estudos pós-graduados, foi possibilitada na medida em que todos nós professores e cursistas compreendemos o papel da leitura em nossas trajetórias de formação.

O vínculo entre a leitura e a produção de saber é reconhecido por diversos autores de diferentes perspectivas teóricas: Foucault (1992, 1999), Lacan (2008), Larrosa (1999), Charlot (2000) que, de alguma forma, atravessam os textos aqui apresentados. Aqui tratamos de saberes como produto do sujeito que lê o mundo

que o cerca, que lê o outro, que lê a si mesmo neste mundo. Na esteira dessa compreensão é que identificamos que a leitura é fundamental para a produção de saber. Como escreveu Charlot (2000, p. 78): “Assim, a relação com o saber, forma de relação com o mundo, é uma relação com sistemas simbólicos, notadamente, com a linguagem.” A leitura é compreendida nesses textos, como uma forma privilegiada de relação do sujeito com os sistemas simbólicos que a linguagem nos traz, em particular aquela expressa nos livros, artigos científicos, dossiês, artigos em formato digital, e tantas outras formas de expressão escrita.

Nossa experiência de leitura se dá em um mundo com uma “vasta sintaxe” (FOUCAULT, 1999, p. 25). Não lemos, apenas, o mundo, mas buscamos sentidos em tudo o que está à nossa volta. Nem perguntamos qual é a sintaxe do mundo, pois utilizamos a sintaxe sem que tenhamos necessidade de citá-la expressamente. Nesse sentido, podemos dizer que não há saber sem que haja leitura, assim como não há linguagem sem uma dada sintaxe. Se nos poemas de Rilke encontramos uma leitura que nos inquieta, como em “Torso arcaico de Apolo”, nossa inquietude pode ser compreendida como uma busca pelo saber. A mesma inquietude encontramos nos textos de Larrosa (1999), que nos propõe a pensar na leitura como uma metamorfose. Talvez a mesma proposta por Kafka, mas que nos convida a pensar a vida em dupla face. Uma voltada para nosso interior, nosso discurso interior, ou nossa leitura interior, afinal, trata-se de um interior que só se encontra em nossa própria cabeça, e só é encontrável enquanto linguagem, se Lacan estiver certo, e outra voltada para o exterior, para o mundo que nos rodeia.

Seja como for, não há como ser sem aprender (CHARLOT, 2000) e para aprender, lemos. Aí está a mais profunda razão que nos moveu na direção da organização deste dossiê: almas inquietas, aquelas desses autores que aqui reunimos. Seres da incompletude, seres leitores, seres que buscam saber para ser em meio a um mundo e a uma realidade que os absorve todos os dias, lançando sobre todos, indistintamente, uma avalanche de informações, propositadamente desconexas, objetivando a desconexão em meio a um turbilhão de vozes, aparentemente, todas conectadas. Conectadas a quê, poderíamos perguntar. Conectadas ao vazio deixado por um sem número de formas, todas mediadas pelas novas tecnologias da informação que liquefazem nossa realidade, como propõe Bauman (2001).

Convidamos nossos caros leitores a se acomodarem na sensação de uma leitura que produz um amolecimento de nossas certezas, sobretudo aquelas que construímos longamente em nossas passagens pelos bancos escolares. Pode ser que

algumas dessas certezas, em especial aquelas ligadas à ideia, um tanto ingênua, de que a leitura nos torna seres mais *consistentes*, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista de um desejo um tanto voltado ao erudito, venha a dissolver-se aqui.

Boa leitura!

Primavera, 2021